

Vale aqui ressaltar que, atualmente, como presidente da Comissão de Educação do Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo (CRMV-SP), tenho acompanhado e discutido com os meus pares a implantação das novas Diretrizes, o avanço do ensino à distância (EaD) em Medicina Veterinária, a grande quantidade de escolas de Medicina Veterinária no país *versus* a qualidade do ensino, a avaliação do egresso, dentre outros temas atuais.

Na Comissão de Biblioteca da FMVZ/USP, ingressei como membro (1989) e, posteriormente, assumi a presidência (1993 – 2011). Foi um grande aprendizado para mim: conheci o funcionamento “interno” da Biblioteca Virginie Buff D’Ápice e não apenas aquele do usuário. Pude acompanhar e participar das grandes modificações que ocorreram nessa época em relação a busca e obtenção da informação. Nesse período foi possível incrementar o acervo e a informatização da biblioteca; contribuíram para isto, os projetos de infraestrutura da FAPESP que tive a oportunidade de coordenar, sempre contando como o apoio e zelo das bibliotecárias: Marfísia Pereira de Souza Lancelotti e Rosa Maria Fischi Zani.

Como Editora Científica do *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, no período de 2009 – 2012, pude acompanhar as discussões sobre o padrão de qualidade das revistas científicas brasileiras e, em particular, como superar as dificuldades que nossa revista estava enfrentado, como, por exemplo, os critérios de qualidade para indexação em bases nacionais e internacionais, a pouca penetração da língua portuguesa no âmbito internacional (predominância de artigos publicados em português) e a carência de recursos financeiros para a impressão da revista. Nos dias atuais, essas dificuldades foram completamente superadas, com os avanços da tecnologia da informação.

Cabe ainda mencionar, que neste ano de 2020, fui honrada com a indicação para ocupar a 32ª Cadeira da APAMVET, cujo Patrono é o Prof. Dr. Aramis Augusto Pinto, que foi também meu professor de Microbiologia na FMVZ/USP.

Finalizando, reafirmo que se algo pude fazer, foi feito com a colaboração e participação de muitos: meus professores, meus alunos, meus orientados, meus colaboradores e, sobretudo, meus amigos, que são muitos!!!



A Autora, Helenice de Souza Spinosa (primeira da esquerda de branco), Silvana Lima Górnjak (segurando o livro), Maria Martha Bernardi – coeditoras – e João Palermo Neto, no lançamento da 1ª edição do livro “Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária”, em 1996



Profª. Dra. Helenice de Souza Spinosa | CRMV-SP 1798

ENSINO

## O desalinhamento inevitável

Paula Tavoraro <sup>1</sup>

**Resumo:** Na formação acadêmica de veterinários não há nenhuma preparação para lidar com os aspectos emocionais da profissão. Essa preparação é bastante importante, uma vez que, ao se enfrentar opiniões e atitudes diferentes das nossas, tendemos a nos defender e, com isso, reduzir ou fechar as possíveis janelas de oportunidade para a comunicação efetiva, o que leva a efeitos consideráveis na vida do profissional, do seu cliente e do seu animal.

**Palavras-chave:** Ambiguidade. Complexidade. Comunicação eficiente. Formação de veterinários. Relação homem-animal.

*“A educação [...] requer condições precisamente corretas. O “aluno” não deve se sentir ameaçado, atacado ou diminuído. O “professor” deve, portanto, “ler” a interação e tentar fazê-la conducente ao aprendizado. Entre outras coisas, isso envolve produzir um estado emocional positivo nos alunos, mesmo ao se sentir zangado ou horrorizado com os conceitos errôneos que eles trazem. [...] Ao possibilitar a ocorrência de civilidade, o manejo das emoções tem benefícios sociais tremendos” (IRVINE, 2002, p. 83)*

Pode ser que essa citação que usei dê a você a sensação de que os professores devem esconder suas emoções e se apresentar de forma a disfarçar o que eles realmente são. Mas não é isso. O que enxergo de mais importante nessa frase não é esconder o horror com os erros, mas possibilitar a ocorrência de civilidade. Vou tentar explicar por que isso é importante e às vezes se mostra difícil na Veterinária.

Sempre digo para meus alunos e colegas que a Veterinária é uma “profissão de amor”. Dos veterinários e alunos que conversei ao longo da minha formação e carreira, posso dizer que quase 100% deles escolheram a profissão justificando a escolha pelo amor aos animais. Isso é ótimo, porque temos que fazer aquilo que gostamos. Amar o que escolhermos fazer dá para a gente uma sensação de ter uma missão e que nos leva sempre adiante. Em termos de dados reais, Rohlf e Bennet (2005) analisaram uma população de 150 pessoas que trabalhavam com animais e relataram que cerca de 71% delas escolheram sua profissão por amor, respeito e empatia pelos bichos.

Entretanto, esta é apenas uma variável na complexa equação chamada trabalho. O amor pelos animais pode ocultar um dado mais sombrio que é a sensação de ter escolhido a carreira porque “eu gosto de bichos e não de gente”. Embora não declarada abertamente, quando digo essa frase em sala de aula, ela é invariavelmente seguida de inúmeros alunos concordando silenciosamente, suas cabeças fazendo um sinal afirmativo em conjunto. No mesmo trabalho de Rohlf e Bennet (2005), cerca de 49% dos participantes do estudo afirmara lidar com clientes / proprietários (e sua possível negligência e resistência) era o segundo pior aspecto do seu trabalho, só perdendo para os riscos de doenças ou lesões. Irvine (2002, p. 63-64) mostra dá uma das razões pelas quais parece mais fácil lidar com animais do que com pessoas.

Os animais nos aceitam como somos, não necessitando de máscaras e não tendo agendas ocultas. Eles expressam suas emoções livremente, mostrando-as com o corpo todo. Em contraste [...] interações humanas requerem um processo intrínseco de interpretação emocional e estados mentais, adaptando comportamentos e sentimentos para tornar a interação mais suave e lidar com o inevitável desalinhamento.

Trocando em miúdos, enquanto se relacionar com os animais é um jogo de pingue-pongue, o relacionamento com outras pessoas é um jogo de xadrez onde todas as peças são da mesma cor. É difícil e, muitas vezes doloroso, porque nos coloca frente a frente com aspectos da nossa personalidade que, para nosso próprio conforto, tendemos a não confrontar.

Aí reside um grande problema, já que uma das funções crescentemente cruciais do papel do veterinário é a educação do público que convive com um número cada vez maior de animais, mas que não tem conhecimento profundo de como eles se comportam ou do que eles efetivamente necessitam para uma vida saudável e confortável. Esse conhecimento é essencial tanto para o bem-estar dos animais quanto das pessoas que convivem com eles. Possibilitar que a comunicação deste conhecimento sobre saúde e bem-estar animal se transforme em mudanças reais nas atitudes para com os animais é uma das nossas grandes responsabilidades - e um desafio considerável, exatamente porque há muitas formas diferentes de se enxergar os animais.

Por exemplo, as pessoas que trabalham com animais geralmente sentem que os conhecem melhor do que quem não trabalha com eles. Os profissionais veem os animais sob outra ótica e seu conhecimento especializado e visão subjetiva servem para justificar suas ações com relação aos animais, sejam elas positivas ou negativas. Enquanto muitas pessoas escolhem trabalhar com animais por amor; outras fazem isso apenas porque esse é o trabalho que elas encontraram, e outras ainda porque os animais dão lucro ou são ferramentas úteis para elas. Todas essas variações levam a valores e significados diferentes para os animais o que, por sua vez, faz com que as relações entre pessoas sejam muito complexas e variadas quando há um animal envolvido (DE MELLO, 2012).

Mas não só é só o trabalho com os animais que leva a perspectivas diferentes sobre seu valor.

Cada um de nós teve diferentes experiências de vida e, por isso, construímos não só as nossas identidades, como também as identidades de nossos animais de acordo com essa subjetividade (TAYLOR, 2013). Com base nessa construção subjetiva, já foram descritos cinco grupos de fatores moldam de atitudes para com os animais, que variam de um polo mais positivo para um polo mais negativo (De Mello 2012, apud Kellert, 1980, 1985, 1994), e quatro categorias diferentes de donos de animais (DE MELLO, 2012 apud Fox, 1979), variando da objetificação à igualdade **(Quadro I)**.

Além disso, como nossa relação com os animais é ambígua – dormimos com nossos cães e gatos, mas comemos porcos e matamos os ratos que invadem nossas casas – e temos dificuldade em dar a eles identidades e papéis consistentes (HERZOG, 2010). Arluke e Sanders (1996), observando essa ambiguidade, categorizaram os animais em uma escala que vai da extrema “maldade” (para com o homem) dos monstros (um tubarão “assassino”) ou pragas (um rato de esgoto) até a extrema “bondade” de animais que são ferramentas (um rato de laboratório ou uma vaca leiteira) ou filhos (um pet).

**Quadro 1.** As formas diferentes e culturalmente determinadas de se enxergar os animais.

Autores e ideia principal	Trecho ilustrativo
<p>Arluke e Sanders (1996)</p> <p>A escala sociozoológica – há animais bons (pets e ferramentas) e animais ruins (pragas e monstros)</p>	<p>“Enquanto os sistemas filogenéticos de classificação posicionam os animais com base nas suas diferenças biológicas, os sistemas sociozoológicos os posicionam com relação a quão bem eles parecem se ‘encaixar’ e exercer papéis que se espera que exerçam na sociedade. O quão bem os animais parecem saber – e permanecer – no seu lugar vai determinar seu valor e posição na escala social. Nesta escala, os animais bons têm um status moral alto porque aceitam de bom grado seu lugar de subordinação na sociedade [...] estes animais, por seu comportamento, ajudam a definir o e reforça o significado da sociedade tradicional e são valorizados por esta contribuição. Os animais ruins, entretanto, tem um status moral inferior porque seu lugar de subordinação não é claro ou porque eles não permanecem quietos, fora de nossas vistas e distantes das pessoas. Como são percebidos como ameaças reais e simbólicas à ordem social, eles podem ser mortos.</p> <p>[...] Assim como a escala sociozoológica justifica o tratamento inconsistente dos animais, os construtos de animais bons e ruins pode justificar, de forma similar, o tratamento inconsistente de humanos. O pensamento dualístico então, sobre os animais e seu lugar na sociedade, é útil como um instrumento de controle social.” (loc. 1918-1923)</p>
<p>Herzog, 2010</p> <p>A relação com os animais é ambígua – mas a contradição não é hipocrisia ou malícia, ela é parte integrante da nossa humanidade</p>	<p>“Assim como a maioria das pessoas, eu tenho conflitos com relação a nossas obrigações éticas para com os animais [...]. eu como carne - mas não tanto quanto comia, e não como vitela. Eu me oponho aos testes de desengordurantes e maquiagem em animais, mas sacrificaria um monte de camundongos para descobrir a cura do câncer. Enquanto eu acredito na lógica dos filósofos sobre a liberdade animal, eu também acredito que nossa muito maior capacidade para a linguagem simbólica, cultura e julgamento ético coloca os humanos em um plano moral diferente dos animais, [...] alguns dizem que [quem fica em cima do muro] é um covarde moral. Eu acredito, entretanto, que esse meio termo turbulento é totalmente compreensível porque a areia movediça moral é inevitável em uma espécie com um cérebro enorme e um grande coração.” (p.11)</p>
<p>De Mello (2012)</p> <p>A relação entre humanos e pets é diferente de outras relações homem-animal</p>	<p>“A relação humanos-pets é diferente da maioria das outras reações entre humanos e animais pelo fato de que não é primordialmente baseada na utilidade e por ser uma relação verdadeiramente recíproca, na qual ambas as partes – humanos e animais – têm um papel importante. [...]. Nas circunstâncias mais ideais, a relação é estruturada não apenas nas necessidades e interesses humanos, mas naqueles dos animais também.” (p. 153)</p> <p>Kellert (1980, 1985, 1994) apud De Mello (2012, p. 218)</p> <p>“Há três grupos de fatores que moldam as atividades com os animais, incluindo o status social (classe, etnia, gênero, etc.), atitudes para com o ambiente e práticas e experiências relacionadas aos animais. Em termos de status, mulheres brancas, de classe média, que vivem em cidade e jovens são mais associados com atitudes positivas para com os animais [...]. Aqueles com atitudes positivas com relação ao ambiente têm mais tendência a ter uma atitude positiva para com os animais.</p> <p>Em termos do trabalho com os animais, as pessoas cuja sobrevivência não depende dos animais tendem a ter uma atitude mais positiva para com eles do que as pessoas cuja sobrevivência depende dos animais.”</p> <p>Fox (1979) apud De Mello (2012, p. 155)</p> <p>“Há quatro categorias de relações entre animais e seus donos: A relação orientada por objeto, na qual o pet é visto como uma novidade ou objeto decorativo; a relação utilitária; na qual o animal é usado para fornecer um benefício específico às pessoas, por exemplo, sendo um cão de guarda; e a relação de necessidade-dependência, na qual o animal satisfaz necessidade humana de companhia. A categoria final é a relação atualizadora, na qual a relação com animal é de igualdade e baseada em respeito mútuo.”</p>

Autores e ideia principal	Trecho ilustrativo
Taylor, 2013  A construção da identidade dos animais é subjetiva	“A identidade não é uma categoria fixa, mas algo que surge de uma interação ou conjunto de interações particulares. Assim, o cão da família é um [...] pet não por suas características inatas, mas por ser construído por meio de, por exemplo, rituais de nomeação ou presentes que afirmam sua identidade como <u>companheiro</u> . Por outro lado, animais de produção são alimento, não como uma categoria “natural” – afinal porcos e vacas podem ser companheiros – mas porque são construídos como tal por meio de várias práticas culturais, tais como negar sua individualidade ou a criação de discursos que parecem confirmar a ideia de que é natural consumir carne.” (loc. 1590)

Então volto ao meu trecho inicial, sobre o manejo das emoções. Para ensinarmos, o aluno não pode se sentir ameaçado. Temos que saber gerir nossas emoções e controlar nossos ímpetos para conseguir educar nosso público, mesmo quando nós não enxergamos a relação com os animais ou o valor deles da mesma forma que nossos clientes. Somos responsáveis tanto pelos animais quanto pelas pessoas que cuidam deles. Temos uma obrigação moral e somos responsáveis por outras pessoas “simplesmente porque são pessoas” (Baumann e May, 2010, p. 64). E, como veterinários, fazer com que elas vivam melhor com seus animais, e que seus animais vivam melhor com elas, também é nossa obrigação moral e responsabilidade. Podemos pensar de forma diferente porque fomos “treinados” para a vida dentro de certos grupos e isso contribuiu não só para a construção da nossa identidade (Baumann e May, 2010) e da nossa relação com os animais, mas também para a construção da identidade e do valor de nossos animais (Taylor, 2010).

A interação social é uma via de mão dupla e “envolve a presunção de motivos mutuamente compreendidos. Quando interajo com o alguém, eu presumo que o comportamento que escolho [...] **é compreendido** pelo meu interlocutor e molda comportamento subsequente dele” (Arluke e Sanders, 1996, loc. 639). Só que a compreensão normalmente é afetada quando nossos comportamentos são influenciados pelas emoções. Como veterinários, podemos enxergar, na nossa visão técnica, não apenas concepções errôneas, mas também atitudes que podem gerar cuidados inadequados ou crueldade (Irvine, 2002), com efeitos sobre a qualidade de vida dos animais e das pessoas que convivem com eles. Mas falar com o outro sobre saúde, doença, vida e morte, em situações rotineiras ou de emergência envolve e gera uma carga enorme de emoções (Adams e Frenkel, 2007; Grice, 2012).

Os veterinários não são formalmente capacitados, nem sua prática os prepara, para lidar com as suas próprias emoções ou com as emoções de outras pessoas (Adams e Frenkel, 2007; Taylor, 2013). Ainda assim, sabe-se que seria importante e necessário haver preparação para encontros emocionais, pois quando o desalinhamento entre opiniões e atitudes é muito grande, nós nos defendemos e buscamos caminhos mentais para diminuí-lo. Justificamos nossa conduta,

minimizamos nossa culpa – **mas não necessariamente aprendemos a fazer, agir, ou pensar de forma diferente**. Assim é extremamente importante encontrar formas de **manter abertas as janelas de oportunidade para a comunicação** com aqueles que buscam nossos serviços (IRVINE, 2002).

Esse trabalho pode começar com nossa interação com nossos alunos, quando fazemos nosso importante papel de **modelos** daquilo que acreditamos ser o certo, em sala de aula e, principalmente, nas aulas práticas e nas supervisões de estágio. É nesses momentos que nossos alunos nos veem como veterinários, em ação na rotina, e como eles “aprendem amplamente pela sua observação informal, contínua e talvez involuntária dos especialistas, mais do que pelo ensino, é importante reconhecer que estamos sendo modelos o tempo todo” (RITCHHART, 2015, p. 127).

Nossos alunos e estagiários veem o que fazemos e como nos comportamos. O tempo todo. Como você reage ao desalinhamento inevitável? Abrindo janelas de oportunidade, colocando a mão para mantê-las abertas ou fechando-as com um chute?

## Referências Bibliográficas

- ADAMS, CL.; FRANKEL, RM. It may be a dog’s life but the relationship with her owners is also key to her health and well being: communication in Veterinary Medicine. **Vet Clin Small Anim.** v. 37, n.1, p.1-17, 2007.
- ARLUKE, A; SANDERS, CR. **Regarding animals.** Filadélfia, Temple University Press, 1996. Edição para Kindle.
- BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar. 2010. Edição para Kindle.
- DE MELLO, M. **Animals and society:** An introduction to human-animal studies.
- GRICE, AL. How to Communicate With Clients in an Emergency Setting. **AAEP Proceedings.** v. 58, p. 178-182, 2012.
- HERZOG, H. **Some we love, some we hate, some we eat.** Harper-Collins, 2010.
- IRVINE, L. Animal problemas/ people skills: emotional and interactional strategies in humane education. **Society & Animals,** v. 10, n.1, p. 63-91, 2002.



8. RITCHHART, R. 2015. **Creating cultures of thinking.** The 8 forces we must master to truly transform our schools. Nova York: Willey. Edição para Kindle.
9. ROHLF, V; BENNETT, PC. Perpetration-induced Traumatic Stress in Persons who Euthanize Nonhuman Animals in Surgeries, Animal Shelters, and Laboratories. **Society and Animals**, v.13, n.3, p. 201-2019;2005
10. TAYLOR, N. **Humans, animals and society.** An introduction to human-animal studies. Nova York: Lantern Books, 2013.



<sup>1</sup> Paula Tavolaro – Médica Veterinária e pedagoga; medical writer, tradutora e revisora de textos científicos.

## CLÍNICA

## “Situação atual do mormo no Estado de São Paulo e no Brasil”

Dra. Alessandra Figueiredo de Castro Nassar <sup>1</sup>

**Resumo:** O Mormo é uma enfermidade causada pela bactéria *Burkholderiamallei* que acomete principalmente os equídeos e é caracterizada por provocar lesões nos sistemas respiratório cutâneo e linfático. Em virtude do grande impacto gerado na equideocultura e, principalmente, por ser uma enfermidade de caráter zoonótico, está incluída na lista de doenças de notificação imediata de qualquer caso suspeito no Brasil, e os casos confirmados são informados a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE).

**Palavras-chave:** mormo, zoonose, equídeos, diagnóstico.

O mormo é uma doença infectocontagiosa, de caráter agudo ou crônico que acomete principalmente os equídeos, mas pode atingir o homem, os carnívoros e, eventualmente, pequenos ruminantes (ACHA & SZYFRES, 2003). O seu agente etiológico é a bactéria *Burkholderia mallei*, bacilo intracelular facultativo, Gram-negativa, (KHAN et al., 2013). No Brasil o mormo é uma enfermidade de notificação imediata de qualquer caso suspeito e, em casos confirmados, são aplicadas medidas de Defesa Sanitária Animal, conforme legislação vigente, alinhada com

as diretrizes preconizadas pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) (BRASIL, 2018a e OIE, 2018).

O mormo, uma das mais antigas doenças, reportada desde 425 A.C. por Hipócrates, é responsável por grande mortalidade e morbidade nos animais, especialmente equídeos. (DERBYSHIRE, 2002; ACHA & SZYFRES, 2003). Durante a primeira metade do século passado, com adoção do sacrifício dos animais infectados o mormo foi erradicado na Europa e América do Norte. Na Ásia, Oriente Médio e América do Sul, a doença ainda é endêmica (OIE, 2018). No Brasil, a introdução da doença se deu no século XIX, com a importação de cavalos provenientes de Portugal e os primeiros registros da doença foram efetuados na Ilha de Marajó. Admite-se que a zoonose tenha entrado por outras regiões portuárias, por meio de navios mercantes da Argentina ao Brasil, pois, nesta época, era uma prática rotineira a entrada de animais para serem comercializados nos portos (SANTOS, et al. 2001). Na década de 60, Langenegger et al. (1960) reportaram casos de mormo, no município de Campos, estado do Rio de Janeiro. Admitia-se então que o mormo tivesse sido erradicado do Brasil, Contudo Mota et. al. (2000) confirmaram a existência da doença nos Estados de Pernambuco e Alagoas, em animais com aspectos clínico-patológicos, epidemiológicos e sorológicos, bem como o isolamento da *B. mallei*. Os dados deste estudo evidenciaram a emergência da doença na região e os sérios prejuízos econômicos. No Estado de São Paulo, o mormo foi registrado pela Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA), no ano de 2008, em um equino mantido na zona urbana do município de Santo André, (CDA, 2013a).

Em 2013 a doença voltou a ser detectada em um equino, no município de Araçariguama-SP. Após esta nova ocorrência foi alterada a legislação estadual por meio da Resolução SAA 19, de 15/04/2013, alterada pela Resolução SAA 31, de 19/04/2013, quando foi implantada a exigência do exame negativo para o mormo para trânsito de equídeos no Estado, independente da finalidade e destino, entre outras providências. (CDA, 2013b).

O Mormo está incluído no PNSE (Programa Nacional de Sanidade dos Equídeos), criado pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) que visa profilaxia e controle/erradicação da doença. (BRASIL, 2018a). Dados atualizados do MAPA contabilizam 8.800 profissionais que dão suporte ao Programa Nacional de Sanidade de Equídeos (PNSE), na colheita de amostras sorológicas que são submetidas ao teste de triagem, e no ano de 2019, no Brasil, foram realizados 563.624 exames, com 74 resultados positivos, já no primeiro semestre de 2020 de 226.417 exames realizados houve a confirmação de 84 positivos (Revista Horse, 2020).

Atualmente o mormo é endêmico em todo o Brasil e pouco progresso tem sido feito em epidemiologia, biologia molecular ou controle desta importante doença (FALCÃO et al., 2019). Abreu et al. (2020) monitoraram durante dois anos, seis animais soropositivos para mormo pela técnica de fixação de complemento, Os animais eram originários